

A imagem do País melhora no mercado internacional

20 OUT 1981

por Reginaldo Heller
do Rio

A imagem do Brasil melhorou consideravelmente no mercado financeiro internacional, de um ano para cá, e hoje já existe um clima de confiança generalizada na política econômica e nos seus resultados. Essa foi, pelo menos, a impressão que teve o vice-presidente do Unibanco, Marcílio Marques Moreira, em seus contatos com banqueiros norte-americanos e das conversas que manteve durante a reunião anual do Clube Internacional de Economistas de Bancos, em Toronto, Canadá.

Moreira disse a este jornal que as projeções para a economia internacional no próximo ano são francamente favoráveis à economia brasileira e citou o eco-

nomista senior do Banker's Trust, um dos maiores bancos americanos, Gordon Pye, de que a taxa de juros nos Estados Unidos (prime rate) poderá manter-se em torno de 15% até o final deste ano e entre 10% e 12% em meados de 1982.

Marcílio Marques Moreira reuniu-se em sua viagem com banqueiros americanos, entre eles do First National Citibank of Chicago, Continental Illinois, Bank of America, Bank of Philadelphia e o mesmo Banker's Trust. Todos eles reconhecem que o fluxo de financiamentos em moeda estrangeira ao Brasil tem servido primordialmente para o giro da dívida externa, mas, ainda assim, mostram-se otimistas quanto à redução relativa do serviço (juros e amortizações), a longo prazo.

RECUPERAÇÃO

Também é generalizada a impressão de que a economia européia tenderá a uma recuperação em 1982, em grande parte devido à própria desvalorização de suas respectivas moedas. Com isto, as perspectivas da balança comercial brasileira são boas, possibilitando estimar a continuidade do superávit, mesmo que as importações brasileiras cresçam um pouco.

A grande preocupação dos banqueiros americanos, no momento, além de questões específicas da regulamentação do setor dentro dos próprios Estados Unidos, é a tendência de crescimento zero da economia americana. A recessão que parece ter-se iniciado em setembro, embora aparentemente branda, como afirmam banqueiros e economistas, poderá ser mais longa do que o desejável. Essa é a grande incógnita. No caso brasileiro, disse Marcílio Marques Moreira, "a escolha exata do momento para uma reativação da produção industrial tem de ser muito prudente para evitar uma reaceleração do fluxo de importações".